

DA NECESSIDADE DE ATRAVESSARMOS PAREDES

Pépe Sedrez ¹

Este breve ensaio tem por intuito apresentar uma experiência vivenciada no Curso Livre da Carona Escola de Teatro², geradora não só de um espetáculo³ apresentado na Mostra Carona⁴, mas que, sobretudo, gerou uma nova grupalidade.

Munidas/os do desejo de investigar algo menos calcado em palavras, mas, sim, nos corpos das/os estudantes, atrizes/atores, em relação ao espaço, partindo de exercícios inspirados na técnica de *Viewpoints*⁵, criamos fragmentos de cenas mais pictóricos, que fossem extremamente compactos, capazes de imprimir no corpo a potência de um *haikai*, ou melhor, de um ideograma. Passamos então a criar incontáveis ideogramas corpóreo-espaciais. Entretanto, sempre parávamos para refletir – essa turma (e aqui me incluo) gostava sobremaneira de dialogar.

Como geravam bons aprendizados e sempre resultavam em construções cênicas, apostamos nessa “característica” dessa turma bastante peculiar, que estudava nas manhãs de sábado e era composta inicialmente por quatro mulheres mais maduras e três homens muito jovens. Invariavelmente, as conversas giravam em torno de temas como a desconstrução do machismo/patriarcado, a cultura do estupro, as violências contra mulheres, o feminicídio, a LGBTfobia etc.

Aprendemos muito com essas estudantes-atrizes, mulheres, talvez porque elas tinham uma vontade/necessidade de dizer, ou porque nós, homens, também tínhamos uma vontade/necessidade de ouvir e, também, de buscarmos informação, de compreendermos que não era dever delas nos ensinar. Muito pelo contrário, era, e continua sendo, dever de nós, homens, aprender e agir, mudar. Então, gradativamente, o

¹ Diretor, Ator e Professor de Teatro, autodidata, iniciou seus estudos em 1986 no NuTE – Núcleo de Teatro e Escola. Criou o Grupo Meu Grupo, em 1990, e é um dos fundadores da Cia Carona de Teatro (1995) e da Carona Escola de Teatro (2004).

² Braço didático-pedagógico da Cia Carona de Teatro, um coletivo que recentemente completou 26 anos de atividades teatrais ininterruptas.

³ “Com Açúcar, Sem Afeto”, estreado em novembro de 2017.

⁴ Evento anual de conclusão do período letivo da Escola.

⁵ *Viewpoints* (pontos de vista), técnica originalmente desenvolvida nos anos de 1970 pela coreógrafa Mary Overlie e adaptada para o teatro pelas diretoras norte-americanas Anne Bogart e Tina Landau. *Viewpoints* é uma filosofia traduzida em técnica de improvisação que possibilita um vocabulário para pensar e agir sobre movimentos e gestos por meio do tempo e do espaço, constituindo uma linguagem que discorre sobre o que poeticamente acontece na cena.

que seria muito mais visual foi cedendo espaço para a narrativa. Ou melhor, a narrativa foi conquistando um espaço mais do que necessário queurgia ser e é seu. Ou melhor ainda: se nos propúnhamos a explorar as possibilidades dos corpos no espaço, compreendemos que os corpos em questão eram os das mulheres, bem como também o espaço.

Evidentemente que, para tocar em algo que se aproxime de tudo o que nós homens deliberadamente usurpamos do espaço feminino até os dias de hoje, a violência e a dor que causamos teriam de entrar em cena. De forma poética, obviamente, por tratar-se de teatro, arte, os ideogramas foram gerando cenas... alguns foram literalmente para a encenação, outros foram disparadores criativos ou, ainda, permaneceram presentes no âmago do espetáculo.

A diversidade de gênero era pauta constante no processo criativo. E a ausência de representatividade trans nos incomodava mais do que pedras nos sapatos. Então, convidamos Sheron Dávila, atriz trans, para uma participação especial que se transformou na presença condutora das cenas. Convidamos outra participação especial, a de Ana Clara Goularte, estudante da turma de adolescentes da Carona Escola e filha de Regina Goularte, integrante da turma.

Para completar, compreendemos que um espaço convencional não daria conta de abrigar a obra que criávamos. Era preciso sair das dependências do Teatro Carlos Gomes. Encontramos, então, na casa de Regina, Ana Clara e família, o espaço para a nossa encenação transcorrer.

Participar do espetáculo foi uma experiência incrível e profunda. Não esperávamos vivenciar tantas apresentações e sentir o espetáculo crescer e amadurecer, o que foi de uma riqueza ímpar. Além disso, estar em cena com minha filha mais velha falando sobre um tema tão delicado e necessário foi dividir dores e força, aprofundando nosso diálogo e intimidade. Por fim, abrir minha casa, meu quarto, minha intimidade, foi uma tentativa de gritar com suavidade as agruras de ser mulher e viver em uma sociedade tão violenta. (Regina Goularte, estudante-atriz integrante do elenco e dona da casa onde o espetáculo se apresentou, 2021.)

No dia 21 de novembro de 2017, por volta das 22 horas, 30 pessoas (público limitado), esperavam em frente à casa situada na Rua Caxambu, 150, bairro Petrópolis, em Blumenau. O portão eletrônico se abriu e a atriz Sheron D'Ávila, em um gesto largo, convidou todes a entrar. Quatro mulheres dançaram ao redor de uma fogueira e, em

seguida, correram para brincar no balanço de uma árvore onde havia vários vestidos dependurados.

A música parou, e um homem atravessou a cena carregando uma pá, e outro carregando um carrinho de mão, com o corpo de uma menina adolescente. As mulheres cobriram suas bocas, seus olhos, seus ouvidos, de si mesmas e das outras atrizes e, em seguida, das mulheres da plateia. Lembro, aqui, que essa introdução do espetáculo possa gerar alguma visualidade da atmosfera inicial de “Com Açúcar, Sem Afeto”.

Era o meu segundo ano como aluna da Carona e do Pepe. No ano anterior, eu tinha participado de um espetáculo que trazia questões sobre a violência contra as mulheres e, desde lá, já estava bem “mexida” pelo tema. Mesmo assim, eu vivia em negação: ainda encarava o teatro como algo em que eu apenas representava as questões da Outra/do Outro e tratava dos problemas sociais relevantes para o público. Eu não conseguia me reconhecer como parte dessas questões/problemas. Ao longo da montagem e das apresentações do “Com açúcar”, isso caiu por terra. Trouxemos uma atriz trans, a Sheron, para integrar a turma e, ao escutar o seu depoimento na cena do quarto, assim como os depoimentos das outras atrizes, eu não tinha mais como não me envolver. Depois, isso ficou ainda mais forte com a participação das mulheres do público na referida cena. “Com açúcar” foi importante para mim por me ajudar nesse processo de reconhecer e nomear as violências que as mulheres próximas a mim sofreram e as que eu mesma sofri; também foi essencial para eu me tornar disponível para escutar e acolher essas mulheres. (Alessandra Boss, aluna-atriz integrante do elenco, 2021.)

A cena citada por Alessandra levava todo o público para dentro de um quarto (suíte) de casal, onde uma atriz – a própria Alessandra – dormia. Pouco depois, ouviu-se o som de uma descarga de vaso sanitário, e um ator – Marcos – saiu do banheiro e veio deitar-se junto à atriz. Ele a tocou enquanto ela dormia. O público estava muito próximo e viu assim, tão “de perto”, o abuso. Com os toques se intensificando, ela acordou. Questionou-o. Ele não achou que estava fazendo algo errado. Ela então o expulsou: “Sai, Marcos!”. Com isso, as outras atrizes expulsam do quarto todos os outros homens – “Sai, Marcos!” – e trancaram a porta. Ficaram no quarto somente as mulheres.

Agora, tendo criado um ambiente seguro, as atrizes trocaram confidências e abriram espaço para espectadoras, caso quisessem, também abrirem suas histórias. Criamos um pacto de jamais contar para os homens, fossem do Coletivo ou de fora, o que foi dito em confidência dentro daquele quarto. Quando criada por Alessandra e Marcos em aula, a cena ia somente até a expulsão dele. Com a entrada das outras

atrizes, pensamos em criar esse lugar onde fosse possível falar, com delicadeza e muita responsabilidade.

Ao sair do quarto, essas mulheres dirigiram-se para a sala onde os homens faziam faxina, em uma vã tentativa de “limpar” a sujeira que fizeram. E as mulheres, estudantes-atrizes, lançaram-se violentamente contra as paredes, repetidas vezes, até se exaurirem. Daí nasceu o nome Coletivo Atravessa Parede⁶.

⁶ Coletivo Atravessa Parede é formado por: Alessandra Boos, Angie Rodrigues, Luisa Alejandra Uribe Pereira, Regina Goularte, João Carlos Alves Jr., Kaiow Bajak, Leonardo Baraúna, Marcos Schneider e Pépe Sedrez. Atrizes convidadas: Ana Clara Goularte e Sheron D’Ávila.